

O vagão cor-de-rosa

Nada mais ultrajante que, após um dia exaustivo e tenso, entrar num trem ou metrô e ficar exposta a homens de comportamento agressivo e predatório

LUIZ RUFFATO

O governo do Estado de São Paulo vetou a criação dos chamados “vagões rosa”, destinados **exclusivamente** às mulheres nos sistemas de metrô e trens metropolitanos. O argumento é o de que, ao invés de alcançar o objetivo almejado, combater o assédio sexual, a medida ampliaria ainda mais a segregação, punindo a vítima, não o agressor. **Segundo** esse raciocínio, ações como esta não ajudam em nada a luta contra o machismo, **mas** apenas perpetuam uma situação de violência.

Eu compreendo que a solução para esse problema não está na separação de homens e mulheres, **mas sim** na vivência harmônica entre eles. Fato é, no entanto, que a coexistência em igualdade de condições só ocorre **quando**, por meio da educação, se transforma uma cultura. O machismo é um comportamento derivado de uma visão de mundo deformada, plantada pelos pais desde o berço, alimentada pela escola e legitimada pela sociedade. Mudar essa mentalidade, **portanto**, implica um empreendimento continuado envolvendo a família, as instituições de ensino e as várias instâncias governamentais. E isso demanda um esforço conjunto por algumas gerações.

Ao rejeitar a implantação dos “vagões rosa”, o governo acenou, como alternativa, com o aumento no quadro de seguranças femininas e a instalação de câmeras de vigilância nas estações. **Ou seja**, repressão, não educação. Quem utiliza transporte público, **não só** em São Paulo, **mas** em todo o país, conhece sua precariedade. Confinados em espaços reduzidos, homens aproveitam-se da superlotação para humilhar as mulheres, encoxando-as, bolinando-as, beliscando-as, beijando-as, encarando-as, passando a mão em seus corpos, sussurrando safadezas em seus ouvidos. Apenas nos sete primeiros meses deste ano, a Delegacia de Polícia do Metropolitano de São Paulo deteve 33

homens acusados de abusar de passageiras. **Mas** sabe-se que o número de episódios é muito maior, **já que** a maioria das mulheres reluta em denunciar casos de assédio, **por** sentirem vergonha, por desconhecerem seus direitos, por medo de serem constrangidas em delegacias onde imperam homens ou simplesmente por não acreditarem na eficácia da polícia.

A legislação é quase omissa em relação a casos de abuso contra mulheres no transporte coletivo. O ato de importunar alguém publicamente de modo ofensivo é tratado **como** mera contravenção, cuja pena se limita ao pagamento de multa. E é sempre bom lembrar que o Brasil registra uma das maiores taxas mundiais de violência contra as mulheres, ocupando o sétimo lugar no ranking de femicídios. São 5.600 assassinatos por ano, em média, um a cada hora e meia, sendo que mais da metade das vítimas têm idade entre 20 e 39 anos e contam com menos de oito anos de escolaridade.

A criação de “vagões rosa” no sistema de transporte coletivo não **certamente** é a maneira mais apropriada de lidar com a mentalidade machista que grassa entre os brasileiros, independente da classe social a que pertençam. Mas, certamente, serve como um paliativo para aliviar as pressões contra as trabalhadoras e estudantes que não têm opção para ir e vir de casa para o trabalho ou a escola. O tempo médio gasto nos deslocamentos em São Paulo é de cerca de 2h49m – sendo que 19% do total da população consome até quatro horas por dia. E **quanto mais** longe do centro mora-se, **mais** saturadas e deficientes são as conduções públicas.

O veto à existência de “vagões rosa” cerceia o direito das mulheres, as principais interessadas, de poder escolher como preferem se mover pela cidade, se em vagões exclusivos ou mistos. **Portanto**, nada mais ultrajante que, **logo após** um dia exaustivo e tenso, entrar num trem ou metrô e ficar exposta a homens de comportamento agressivo e predatório, que acreditam, **em sua maioria** (59%), que “**se** as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros” – estima-se que o número de casos alcance mais de 500.000 por ano, sendo que nem 10% deste total chegam a ser comunicados oficialmente.

Se uma gripe nos atinge, a recomendação é para que aliviemos seus desagradáveis sintomas – febre, dores generalizadas e tosse – tomando antitérmicos, analgésicos e fazendo repouso. O médico e nós sabemos que não estamos combatendo a doença, **mas** que os remédios abrandam as consequências do vírus para podermos enfrentar o período agudo de sua manifestação. **Em primeiro lugar**, é mais ou menos para isso que servem os “vagões rosa”. Não combatem o machismo, que é um problema mais amplo e complexo, mas diminuem a pressão sobre a vida já tão difícil das trabalhadoras e estudantes que usam o sistema público de transporte.

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/19/opinion/1408400124_673995.html. acesso em 31.10.2018